

Sociedade



PRESERVAÇÃO

Elefantes selvagens terão 'refeitório' na China

Medida foi adotada para evitar conflitos de animais com povoados. oglobo.com.br/sociedade

Controversa. Rigonatti prepara sessão de eletroconvulsoterapia, aplicada em paciente adormecido; ao defender a técnica, psiquiatra chegou a ser vaiado em congresso sobre saúde mental

DO TRAUMA À ESPERANÇA

Eletrochoque ganha popularidade, mas médicos pedem moderação

RAFAEL CISCATI
riscatti@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Era manhã de segunda-feira e a dona de casa Palmira de Souza, de 69 anos, de talhava, animada, seus planos para a semana.

Na quarta, eu ia voltar para a hidroginástica, mas desisti. No domingo fui à igreja, encontrar amigos. Foi ótimo, porque sou muito católica — disse, enquanto esperava sua vez de ser atendida no serviço de eletroconvulsoterapia do Hospital das Clínicas (HC) em São Paulo.

Para Palmira, essas ativida-

des cotidianas se tornaram pequenas conquistas. Nos últimos dois anos, ela enfrentou uma depressão severa, para a qual os remédios não surtiram efeitos, e que culminou num período de internação.

A eletroconvulsoterapia (ECT) — antigamente conhecida como tratamento de eletrochoque — foi a alternativa encontrada pelos médicos para tratar de uma paciente que não dava sinais de melhora. A técnica consiste em usar uma corrente elétrica que percorre o cérebro para induzir uma convulsão. Naquela manhã,

Palmira faria sua 15ª sessão. Esperava que fosse a última.

Polêmica desde a sua criação — até hoje é associada a maus tratos e situações de tortura —, a ECT voltou ao centro do debate sobre saúde mental no Brasil em fevereiro, quando uma nota técnica do Departamento de Saúde Mental do Ministério da Saúde afirmou que a pasta deveria disponibilizar "o melhor aparato terapêutico para a população. Como exemplo, a eletroconvulsoterapia (ECT)".

Para muitos especialistas, a afirmação soou como uma disposição do governo em

apoiar a expansão do tratamento, um ponto controverso. A ideia causa estranhamento mesmo entre defensores da técnica.

— Não há como expandir demais. Esse é um serviço caro, e que exige o trabalho de uma equipe multiprofissional — explica o psiquiatra Sérgio Rigonatti, que coordena o serviço do HC de São Paulo.

A ECT foi criada na Itália, nos anos 1930, pelo médico Ugo Cerletti. Ele percebeu, ao tratar de um rapaz com esquizofrenia, que a convulsão provocada pela eletricidade melhorava o quadro de saúde

do paciente. A técnica foi importada para o Brasil na década seguinte. A época, era aplicada sem anestesia, e podia ser brutal: há relatos de pacientes que sofreram fraturas, decorrentes de convulsões violentas.

— Nos grandes hospitais psiquiátricos brasileiros, a ECT foi usada em pessoas sem indicação para o tratamento, como forma de acalmar pacientes mais agitados — destaca Paulo Amarante, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que teme que a técnica seja usada para controle e punição. — Não há como con-

trolar a frequência de uso da máquina, nem a forma como será empregada.

O desenvolvimento de antipsicóticos e antidepressivos eficientes fez sua popularidade cair. Ao longo dos anos, a técnica se modernizou. Desde 2002, a terapia é regulamentada pelo Conselho Federal de Medicina, e só pode ser aplicada sob o efeito de anestesia e em situações específicas, como no caso de depressão refratária a medicamentos e catatonia. É também indicada para alguns casos de gestantes que sofrem com depressão, já que certos antidepressivos podem prejudicar o desenvolvimento da criança.

Cada sessão de eletrochoque dura cerca de uma hora. A corrente elétrica é aplicada através de eletrodos postos em contato com o crânio da pessoa por um período em torno de 30 e 45 segundos. Adormecido, o paciente não esboça reação. O custo de uma sessão pode chegar a R\$ 1 mil.

VAIA SUPERADA

Segundo Rigonatti, a imagem ruim da ECT vem desaparecendo. Ele próprio já chegou a ser vaiado durante um congresso de saúde mental:

— Hoje, mais profissionais recorrem ao tratamento, e o número de pacientes cresce, embora de forma lenta.

O mecanismo de ação da ECT, no entanto, continua desconhecido. Os cientistas acreditam que a corrente elétrica promove uma espécie de reativação dos neurônios em algumas regiões do cérebro. A inatividade dessas células pode estar associada à depressão.

— Durante a doença, pode acontecer a atrofia de algumas regiões do cérebro. A ECT atua na modulação da atividade neuronal. A ideia é fazer o sistema nervoso voltar a funcionar normalmente — explica o psiquiatra Diego Tavares, especialista nas terapias de neuromodulação, grupo do qual a eletroconvulsoterapia faz parte.

Procurado pelo GLOBO, o Ministério da Saúde ressaltou que a ECT não faz parte dos procedimentos cobertos pelo SUS, embora financie a compra de aparelhos. Anteriormente, afirmara que a nota técnica era um documento interno, e que assuntos ali abordados estão em discussão pela pasta.

ANTÔNIO GOIS



antonio.gois@educap.org.br



Aprender com o terraplanismo

Está disponível no Netflix o documentário "A Terra é Plana", que merece ser visto por educadores e por todos os que se preocupam com o ataque crescente, em pleno século XXI, ao pensamento científico. O mérito maior do filme é que seu principal objetivo não é ridicularizar personagens que acreditam numa teoria bizarra, mas sim entender as razões que levam um grupo de pessoas a contestar um conhecimento científico tão consolidado quanto o formato esférico do planeta.

Uma das características dos personagens do documentário é que não são ignorantes no sentido original da palavra. Nenhum deles é astrônomo, mas tiveram aulas de ciências na escola (um dos retratados é inclusive engenheiro), se formaram, e vivem suas vidas normais. Em comum a eles está o fato de terem maior propensão a acreditar em teorias da conspiração, como, por exemplo, as de que o 11 de Setembro, a viagem do Homem à Lua ou o Holocausto são farsas. Alguns ganharam certo status de celebridade ao exporem suas ideias no YouTube, em vídeos que são vistos hoje por milhões de pessoas.

Um dos fenômenos psicológicos citados por cientistas para explicar por que pessoas sem especialização num assunto se julgam mais capazes do que especialistas é o efeito Dunning-Kruger. Num estudo publicado em 1999, os pesquisadores Justin Kruger e David Dunning, ambos da Universidade Cornell, aplicaram testes de variados temas e depois pediram aos participantes para estimarem seu desempenho nos exames em comparação com a média.

Os autores confirmaram primeiro que temos a tendência de superestimar nossa habilidade ou conhecimento sobre algum assunto. Mas essa superioridade ilusória foi muito

maior entre os indivíduos de pior desempenho nos testes. Para os pesquisadores, isso faz com que essas pessoas tenham mais dificuldade de admitir sua incompetência no assunto, levando-a a fazer escolhas ruins a partir de conclusões próprias equivocadas, descartando a opinião ou evidência apresentada por pessoas mais qualificadas. No outro extremo, os autores identificaram que, quanto maior o conhecimento, mais conscientes são as pessoas sobre a limitação de suas habilidades.

A pior maneira de combater o negacionismo é isolar e ridicularizar esses grupos

Outro fenômeno citado é o viés de confirmação, ou seja, nossa tendência de buscar confirmar aquilo em que acreditamos e rejeitar evidências, mesmo quando sólidas, que não estejam em acordo com nossas ideias pré-concebidas. E o filme mostra também o quanto é difícil, pelo alto custo social envolvido, pessoas mudarem de opinião ou admitirem que estão equivocadas uma vez que façam parte de um grupo que comunga as mesmas crenças.

Os cientistas ouvidos no documentário defendem que a pior maneira de combater o negacionismo é isolar e ridicularizar esses grupos,

assumindo uma postura de arrogância científica. "É difícil não olhar essas pessoas com desprezo e concluir que o melhor jeito de fazê-las mudar de opinião é pela vergonha. É o mesmo que dizer que se uma criança não entende uma matéria, é culpa dela. Mas talvez você simplesmente não desenvolveu empatia suficiente para entender porque eles não entendem", afirma o cientista Spiros Michalakis no filme.

O argumento central do documentário não é alertar para um suposto risco de o terraplanismo passar a ser a explicação mais aceita pela maioria da população. A questão é que esses mesmos mecanismos que levam pessoas a acreditarem numa teoria tão absurda também explicam por que há grupos com capacidade de influência política fazendo campanhas contra a vacinação de crianças, o ensino da teoria da evolução, ou contestando a evidência científica de que vivemos um processo de aquecimento global agravado pelo impacto da atividade humana na Terra.

N. da R.: Por um erro técnico, a coluna da semana passada não foi publicada no papel mas pode ser lida na íntegra no site do jornal.